

O ARARIPE.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideias livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observancia da lei, e interesses locais. A redação só é responsavel pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverãõ vir legalizados.

O preço da assignatura é por um anno 4\$00 pagos a diantados; e por 6 meses sómente 3\$00 O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez, as mais serão pagas a 60 reis cada uma. Os ns. avulsos vendem-se a 80 rs.

CRATO — TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP. — CAZA DO PIZA. — N.

A LIGA MONSTRO.

O Araripe constituindo-se orgão da opinião publica neste municipio, e desejando que nas proximas eleições para vereadores e Juizes de Paz, a escolha popular, recaísse em homens idoneos, e capazes de comprehender as necessidades locais, conjurou a todos grupos politicos a todos os cidadãos de prestigio e influencia, para que unissem seus esforços, conciliassem os diversos interesses e assentassem na eleição de uma Camaras, e de quatro Juizes de Paz, que fossem a expressão verdadeira, não de um partido exclusivo, não de um grupo isolado, e menos de uma omnipotencia individual, máis da consciencia e do sentimento de todos os municipes.

Infelizmente porem clamou em vão; porque contra essa idea que era justa, salvadora, e conveniente, ergueu-se o espirito egoista em uns, e a sede de commandar em outros. Sim, de repente vimos esquecerem-se os interesses do povo; e operar-se uma alliança entre certos individuos com o fim de fazer-se triumphar a todo trance uma chapa de vereadores e juizes de paz, que por certo não é a que convinha na actualidade, e nem tão pouco ser imposta ao povo deste municipio, que já não está no caso de ser tão desprezado tão esquecido a ponto de receber uma imposição dessa ordem, curvar a cabeça e obedecer como o boi da charrua.

Assim pois embora figurem nessa chapa alguns nomes de pessoas de merecimento, é forçoso a naly-a-lá, é forçoso revelar ao publico todo o caracter odioso de que se acha revestida. Nosso silencio nesta crise depois das ideias que enunciamos, seria uma cobardia, nma prostracção humilhante, e sem nem um alcance politico.

Todos já comprehendem, que nos referimos a uma chapa que foi combinada em casa do Sr. Miguel Chavier em nome do partido saquarema, e do Sr. Maia em nome de sua familia, porque desde o momento em que teve lugar essa combinação desairosa para ambas as partes contractantes, nas ruas, nos beccos nas esquinas desta cidade, e por toda a parte foi e tem sido objecto de discussão, de surpresa e de desconfiança para todos.

Assim devia ser, porque nem o Sr. Miguel Chavier era nessa parte authorisado pelo partido saquarema, e nem o Sr. Maia podia ser o interprete fiel dos sentimentos de sua familia.

Mas então o que poderia assim aproxima-los?

A necessidade. Examinemos os factos, e a nossa proposição ficará demonstrada. O Sr. Miguel Cha-

vier, desde a muito que é mal visto entre os seus proprios correligionarios de primeira ordem, porque depois que conseguiu constituir-se chefe de partido neste lugar, posição que sem duvida adquerio a custa de trabalhos e sacrificios, em vez de comprehender o seu papel, e de trabalhar para continuar a sustento-lo, conservando sempre em roda de si os homens de bem que o haviam ajudado a elevar-se, e que estariam dispostos a continuar a sustenta-lo; pelo contrario seguiu a maxima de que em politica deve-se ter adeptos que obedecam cegamente, e não amigos, e correligionarios que possam reflectir — e abraçou — a regra do politico egoista — dividir para imperar — Neste intuito vimos-lo em breve preferir os adeptos aos amigos, e nunca vacilar em pronunciar-se por aquelles, nas contendas mais simples que por ventura tivessem com estes. Assim proscreeveu elle os Lingeros, Joses Gerallos, Macedos, os Ferreiras de Mello, o Coronel Biserra, e outros. Assim obedeceu elle ainda aos seus instinctos de mandar, fazendo essa alliança com um membro de uma familia, que elle sabe que lhe vota odio de morte, e que não deve estar esquecida do passado. . . .

Mas que importa o passado, que importa o futuro, se ha no presente uma necessidade de triumphos seja de que maneira for?

O Sr. Maia como dissemos não exprime os sentimentos de sua familia, mas homem do calculo, espirito inquieto, ambicioso de gloria, o silencio e o isolamento lhe são antipathicos, e lhe contrariam as previsoes do futuro. Ei-lo pois em scena, ambicionando o papel de protagonista, mas occultando ao mesmo tempo esse disignio ao novo alliado, para quem elle com habelidade que tem, acredita-se como um cavalheiro, que estende o braço ao fraco prestes a succumbir sob a pressão dos elementos que o assustam, um apoio generoso e decidido, e sabendo ao mesmo tempo encarece-lo para obter nos despojos da batalha eleitoral um quinhão mais avultado de que elle presume fazer mais tarde um uso conveniente. Amarga irrisão das couas humanas! Ambos esses homens se canhecem, um não dorme tranquillo ao pé do outro depois do banquete!

Más qual será o iludido? O tempo dirá, e talvez este futuro não esteja longe, bem que hoje mesmo não fosse difficil fazer a prophacia. Além disso, o Sr. Maia deve lembra-se, que o seu novo alliado está nas graças do poder, conta com a policia, com os empregos, e que nunca lhe háo de faltar os meios para condemna-lo a um papel

subalterno, e fechar-lhe todas as avenidas que o possam levar a primazia.

Que vantagens pois pode s. s. tirar desta alliança? O Sr. Maia é liberal, tem-no sido até agora, esperamos que ainda continue a se-lo, embora veja-mo-lo unido ao Sr. Miguel Chavier na quadra actual, guerriando aos seus proprios correligionarios; por tanto qual o partido que lhe seria mais airoso nesta crise? O que tomou? Não antes o silencio, o isolamento em que estava: as veses é assim que em politica depuram-se, e rehabitam-se os melhores caracteres. Por outro lado que vantagens pode colher a sua familia? Dous ou tres vereadores hoje, amanhã sin o, seis, dez, ou douse electores, que não poderão favorecer a este ou aquelle amigo de suas crenças, e que como filhos de uma chapa dixerão votar em outra chapa?

Não, não era este o papel que estava destinado a uma familia de prestigio, nem a um chefe que quisesse em caminhar-la com tino e prudencia.

Mas em fim sigam as cousas o seu destino.

Voltaremos ao assumpto.

Encontro de um Vereador, com um votante.

Vereador. Ora Domine, como está como tem passado? Onde andou que tão bom cabello creou?

Votante. Assim assim meu caro, o que estimo é que V. tenha passado bem. Va-me dizendo logo, que ha de novo cá pela cidade?

Vereador. Muita cousa, muitos arrufos, muitas teimas nas calçadas tudo por causa da eleição.

Votante. Então conte-me o que ha!

Vereador. Eu lhe direi tudo. O Maia está definitivamente unido com o Miguel, e ja assentaram em uma chapa de ferro.

Votante. Que me diz!!

Vereador. Ora veja, o que está feito não está por fazer?

Votante. Quaes são os que entraram na chapa?

Vereador. Ei-lhs. Antonio Luis.

Votante. Bom principio.

Vereador. O Padre Marrocos, Maia, Padre Lima verde, Miguel, Pontes Simões, Affonso.

Votante. Qual dos dous o velho ou o moço?

Vereador. O velho, o moço chama se Affonsinho, e não Affonso.

Votante. Ahi estão os nove, e pelo que vejo esqueceram-se de vosse.

Vereador. Pouco me importa isso porque se eu quisesse ser vereador tambem iria cabalar, e havia de sair per fas ou nefas.

Votante. Sim as uvas estão verdes. Mas vamos aliante: diga me quem operou este milagre da união do Maia com o Miguel?

Vereador. Ninguem, as circunstancias. Miguel como v. sabe nestes ultimos tempos tem desgostado aos principaes saquaremas, de maneira que já não conta com o apoio do proprio partido, tem querido fazer dos homens de bem servos que lhe obedecem cegamente, e não partidarios que tenham independencia. Ora bem vé você que o servilismo rebaixa o homem sisudo, e é cousa que só se fez, para quem tem alma de burro; mas gente desta qualidade felismente não ha em grande abundancia entre nós, porque o Crato já é uma cidade populosa, onde vae despontando o espirito de independencia e onde já há algumas intelligencias esclarecidas!

Votante. Mas isso que v. diz não parece ser muito exacto porque não vejo que nessa camara da nova chapa, o Miguel posse mandar soberanamente.

Vereador. É verdade, eu tambem creio isso, e

estou até mesmo convencido que elle sahirá lo-grado mais tarde ou mais cedo, porque nos nomes que mencionei, só vejo dous com quem elle pode contar para fazer uma postura, se for preciso até contra Nossa Senhora da Penha.

Votante. Quem são elles?

Vereador. Não digo.

Votante. Diga.

Vereador. Deus me livre.

Votante. Que diabo de segredo é esse?

Vereador. Para mim é o da Abelha.

Votante. Ora vá lambert sinza. Mas em fim como não quer dizer, vamos ao que importa! Que acha triumphará esta chapa?

Vereador. É muito provavel que sim, porque os chimangos, dizem-me que até agora não fizeram chapa, estão na moita, os saquaremas desgostosos talvez tambem não façam combinçõ alguma, e o povo ficando assim sem direcção virá para quem o chamar. Depois disso o delegado Menezes, pede a uns, ameaça a outros com prisão e recrutamente, a terra aqui, alli, a colá, e o pobre povo que ve se sem estas, e sem chefe, não terá outro remedio se não obedecer.

Votante. Mas onde está o Dr. Marrocos, o Dr. Ratisbona, que não se apresentam de publico fallando ao povo, e fazendo-lhe ver que elle é livre e soberano, e que no dia da eleição nem depois d'ella, elle não deve temer nem o capricho nem o arbitrio da authority?

Vereador. Sim senhor isto seria conveniente, por que o povo desta terra é todo livre, e embora perseguido, maltratado, por esses que só se lembiam d' elle para a eleição, é capaz de um esforço, nobre e generoso, e eu estou certo que se for preciso nem um dos dous doutores se nega, e que o povo os hade acreditar, porque o povo acredita mais nos homens que não fazem chuchadeiras do que naquelles que as fazem.

Votante. Mas a que vem aqui esta palavra chuchadeira, agora nesta occasião em que conversamos sobre a camara. Que quer você dizer com isso?

Vereador. Nada: foi assim uma palavra que me veio aos labios, por me ter passado pela memoria, uma decimasinha do Almocreve de petas!

Votante. Sempre lhe conheci, cheio de decimas, sonetos, quadras, mas em fim se a tal decimasinha é cousa que se possa dizer, diga que eu não desgosto destas cousas.

Vereador. Sim senhor eu digo, mas faça-me o favor de não applica-la a ninguem.

La vae.

*A carocha, os pintos chucha,
Chucha Amor os corações,
Todos os filhos da chucha,
São refinados chuchões,*

G L O S A.

No Templo da chuchadeira,

Por ver se chuchava entrei.

Oude muitos, que eu cá sei,

Tem de chuchistas Cadeira:

Alli de toda maneira

Ninguem de chuchar se embucha;

Chucha as crianças a Brucha;

O Cobrallo chucha o leite;

Chucha a Coruja o azeite,

A Carocha os pintos chuchã.

Eu que de auguar tive medo

Vento todos chuchar tanto,

Que fiz? mettime n'um canto,

E puz me a chuchar no dedo:

Eis me diz um em segredo,

Vossé só Pai de Leitões

*Tambem quer ser dos chuchões,
Não faz mal, chuche com fé,
Porque ne ta casa até
Amor chucha os corações.*

*Logo outro amigo depois
Para chuchar me convida:
N'uma cousa retrocida,
Que nasce na testa aos bois:
Eu que via serem dois
A quem aturava a bucha,
E tive puchá não pucha,
E como e-tava co' a Lua,
Desafiei para a rua
Todos os filhos da chucha.*

*Eis todos se amatelharão,
E no fim de allapendencia,
Sangue, dinheiro, e paciencia
Sem que eu visse, me chuparão:
Como á orga me deixarão,
Disendo-me estas rasões,
Chucharão-no? São penções
Dé quem entra nesta roda,
Que os Tafúes, todos da moda,
São refinados chuchões.*

Votante. Parece que o tal Almocreve de petas, escreveu de proposito isto para o Crato?

Vereador. Alto lá, para o Crato não!

Vereador. Então quer vosse diser que foi para a Camara actual?

Votante. Não senhor, pois conhço, que nesta Camara ha homens de bem.

Vereador. Tambem não o entendo, se não foi para Camara para quem foi?

Votante. Ora ora, ora, foi lá para o Reino do Algarve em Portugal.

Vereador. Ah! quem não o conhecer que o compre; v. m. tem uma lingua bem ferina, uma boa thesouira, ou antes uma navalha passada sette meses no rebólo.

Votante. Está bem, pois com esta vou-me, até domingo, e me espere aqui mesmo que eu lhe mostrarei que se sou lingua não sou ferina, se sou thesouira corto direito, se sou navalha faço, barbas, e bigodes.

Vereador. Pois bem senhor até domingo, eu o espero.

Desia certo sabio da antiguidade, que as leis erão como téis de aranha, que somente prendião os animal jos, mais erão impotentes para deterem os animaes grandes. Se isto se dava no tempo da civilisação do Egypto, na Grecia, e Roma; ainda hoje se reproduz na nossa decantada civilisação, do seculo 19 porque o barulho, e espalh facto, que fazem os Agentes do Governo cá pelos nossos sertões tomando armas, reprimindo crimes, derrocando prepotencias, & não passão de um aparato parcial, que só melhora a classe baixa, resvella respeitosaente pelo que se diz rico e de importancia social.

Quando um pequeno (de pusillis istis, qui in me credunt) é apanhado com uma faca, com um clavinote, & cometendo, ou para cometer um attentado contra o seo semelhante, é inexoravelmente arrastado pelos beliguins da policia, sacudido no profundo da enxovia, processado immediatamente, ou detido nas trevas da prisão. até que algum padrinho abrande com as suas preces a ira da authoridade, que o mandar prender, obtem dar-lhe liberdade com dispendio apenas ali de algumas dezenas de patacas (que ás veses sobem incalculavelmente:) para os Officiaes, para o Carcereiro, & Entretanto qualquer d'esses, que na pira-ze do Evangelio, não podem passar pelo fundo de

uma agulha, não larga seo punhal, tem sempre licença d'esta ou d'aquella authoridade, para trazer consigo o seo rapaz com o seo clavinote, affronta os seos desaffectedos, dá surras nos inermes, reúne apanigua los para desabafir-se & &, e não soffre incommodos algums; porque tem sempre em seo favor correligionarios politicos, que dissipão qualquer nuvem, que se queira coalencar sobre sua cabeça.

Um exemplo disso acaba de dar-se na Barra do Jardim, donde uma hora por outra mandaõ nos para aqui presos proletarios, cujo crime muitas veses não tem sido outro, que ser desaffectedo a um dos grandes da terra: haja vista para aquelle filho do fiado Jorge, & O que soffreo o sr João Quesado Filgueiras, poderoso do Roncador, pelo crime tão grave que cometteo.

Até agora ainda nada; e affirmão-nos q' se deo estrea á um processo, q' sem duvida morreo no embriaõ.

Como membro da sociedade que esse senhor offendeo, tenho direito á reprehendê-lo, a chamar a contas essas authoridades criminosamente indulgentes, que, ou ja o absolveraõ, ou estão dando tre-goas ao crime. Não podemos crer, que o sr. Ciparibe, que o prendeo, e aos seos sequaes, tenhi sido corrompido por dinheiro, pois que conhecemos a sua integridade, mais tambem não sabemos ainda o porque deixou de germinar esse processo estreado. Senhores, que sois investidos do poder social lembrai-vos, que a impunidade é quem levêda os crimes, e que o Juis, que apadrinha os criminosos, é o criminoso mais reprovado da sociedade; porque anima os mãos, e precipita os bons. Hontem o sr. João Quesado Filgueiras reunio perto de quarenta espoletas, com quem distribuiu, armas e encaminhou se à aggre-dir seo Cunhado Antonio Monteiro da Motta, cujo Anjo tutellar fez que o sequito por um desvio da rasão deixasse o caminho mais breve, e proseguisse pelo Jardim, onde foi dessolvido, que a morte do sr Monteiro, e dos famulos, que o defendessem, seria inevitavel; e não soffeo uma Avemaria de penitencia; anda muito a fresca, e ja conseguiu a troca das terras, cuja ambição o devorava; amanhã outro desalmado, que tenhi iguaes incentivos reunirá outro sequito, que não seja dessolvido por outro Anjo tutellar, e redusirá á cinsas à familia que aggre-dir. E quem será responsavel perante Deos por essas reproducções de crimes impunidos na sociedade! Sois vós, Senhores Juises indulgentes, que sois indulgentes somente com os ricos, de quem esperais favores, ao tempo que sois de ferro com os proletarios, que julgais nunca poderem ser-vos uteis. Povo não vos illudães com a actual ordem de cousas: alguem há que não quer igualdade na lei para todos! Sim! Os ricos e poderosos da terra não são encommodados, ao pobre não se perdea a menor falta!

Povo! Defendei a luta das idéias livres, que nesse santelmo sereis livres.

Povo! Correi as urnas, e nella depositai um voto contra o poder que vos avilta e mata.

Povo! A Constituição do Imperio vos diz — A lei é igual para todos — votai contra os que vos não conseedem a igualdade da lei, e um dia sereis livres.

Povo! Adorai a liberdade que vos concedeu Deos, e respeitando a lei, fazei um exforço para garantir vossos direitos.

Povo! Guerra tenã a quem não respeita a lei e a vossos direitos.

* * * *

CIMITERIO DA BARBALHA.

Tendo S. Exc. o Sr. Vice-presidente da provincia ordenado ao parochy da Barbalha, que fize-

se cessar os enterramentos dentro de sua matriz, medida que nos consta, muitas vezes lhe aconselhara o Sr. Dr. Jaguaribe, aquelle parochio, que é igualmente membro da commissão sanitaria, despeitou-se; e crendo ter sido esta ordem particularmente pedida a S. Exc. pelo Sr. Dr. Jaguaribe, retirou publicamente o seu apoio á obra do Cimiterio d'alli, em que o Sr. Dr. Jaguaribe, com as avistas unicamente de utilisar á quella villa, tem posto o seu desvello e cuidado. Com a defeccão d'aquelle membro e de outros seus adherentes extinguiu-se a commissão sanitaria da Barbalha, ficando a obra do Cimiterio unicamente aos cuidados do Sr. Pacifer, digno delegado d'alli, que luta com as maiores difficuldades para realizar uma subscripcão que a commissão não teve a necessaria popularidade para obter, e que é entre tanto o unico recurso pecuniario, com que conta.

Deriamos a S. Exc. que, si realmente quer Cimiterio na Barbalha, nomei para isto nova commissão; aceitando por dimissão o amuamento dessa gente; e que, si não consente em que se enterrem mais cadaveres no recinto da matriz, incumba sua policia de fazer effectiva sua ordem. Advertimos que inda não está sagrado o campo d'aquelle Cimiterio, porque aquelle parochio não se tem querido resolver a bensel-o, como lhe tem sido pedido particularmente e por S. Exc. ordenado.

O partido liberal apresenta-se a pleitiar todas as eleições na Barbalha. Si os nossos amigos não obtiverem alli o triumpho, então melhor será acabarmos com o systema electivo e designar a policia, quem deva exercer os lugares de eleição; porque em verdade alli não existe partido saquarema: apenas uma meia dúzia de pessoas, que estão para os membros do partido liberal como um para cem. Esperão-se alli grandes, desordens como é costume promovel-a a minoria para afastar das urnas a gente da opposição; mas os nossos amigos estão possuidos de muito ardor e enthusiasmo e não recuarão mesmo ante a força, pereça quem perecer. Achavamos prudente, que quem pudesse, procurasse evitar alguma catastrophe, suspendendo por esta vez o braço de algum sicario, que se quer fazer celebre por violencias contra os membros do partido liberal em dias de eleição.

Na noite de 17 do corrente reunio-se na villa uma lusida companhia de liberaes, que formão essa maioria compacta e brilhante d'aquelle termo.

Nessa reunião discutio-se e aprovou-se a chapa de veriadores e juizes de paz, na qual forão encluhidos dois saquaremas probos e honrados, por unanime accordo da reunião, ficando igualmente acordado que o candidato a eleição geral seria o Dr. Ratisbona. O espirito publico de ha muito amortecido naquella villa reveveo nesse dia, onde se via em todos os semblantes as impressoes do praser e regosijo, pela deliberação, que a gente mais grada da freguesia acabava de tomar. A casa da reunião foi invadida por um concurso numeroso da população, que quiria partilhar os trabalhos dos liberaes, e maravilhou a todos o sucego que reinou durante os trabalhos da reunião, e depois no mais importante chá que tem havido naquella villa. Percorrerão as ruas cantando um hymno patriotico e editoral, que eletrisava aos que possuem esse fogo de liberdade e patriotismo. A Barbalha é por certo hoje o lugar nesta comarca, onde o espirito publico se manifesta com mais afferro as ideias libras. Hora e gloria aos Barbalhenses, por tanta dedicacão a causa publica, honra e gloria a essas familias distinctas, q' são o sustentaculo da paz naquelle

termo, e que têm sabido encarar com firmeza e prohibidade as perseguições de inimigos politicos que se tem celebrisado por actos de estúpida prepotencia. Apesar de ter a junta de qualificacão posto o maior cuidado em excluir de votantes os chinangos, todavia das seiscentas pessoas d'aquella populosa Parochia que apenas qualificarão, cremos que tres quartos votão com o partido liberal; e si os saquaremas d'aquelle termo não empregarem os meios violentos, e só disputarem a eleição nos termos legais, terão a condemnação de seus actos e politica de perseguição, no completo sufragio desse povo, que os odeia. Fazemos votos para que a causa da justiça triumphhe naquelle termo, e lembramos a nossos amigos que nosso Magnanimo Imperador e seu governo, quer que os Brasileiros manifestem livremente seus sentimentos politicos nas urnas electoras, para o que protestão garantir a todo transe a liberdade do voto; por tanto ninguém se asuste com amiaças aterradoras espalhadas por esses, que só querem vencer nas urnas prostituindo o nome do governo: outro sim devem desprezar a ridicula amiaça de morrerem sem absolvição, na hora da morte, caso prestem os seus votos aos chinangos: aquelle que assim se pronuncia não representa na terra a Deos, porque transvia-se de sua santa doutrina.

RESPOSTA.

Descoberta está a calva Sr. Redactor, desse burro de S. Paulo, que aos coices e patadas, o levou ao Araripe: mas eu o detesto, uma vez que o fes por debaixo de uma vil cortina. Nestes termos só me resta formalmente repellilo, sem que todavia accite a luva.

Engenho do Meio 18 de Agosto 1856. J. S. Granja.

AVISO.

JOAQUIM JOSÉ DA COSTA, Procurador da Camara Municipal desta Cidade, avisa a todos os foreiros donos de Engenhos, e alambiques, que até o ultimo do corrente mes, venhão ou mandem pagar o imposto a que estão sujeitos, do contrario soffrerão a multa de dois mil reis, conforme o art. 26 das porturas da mesma Camara.

Crato 23 de Agosto de 1856.

ANNUNCIO.

AFFONSO JOSÉ DE NORONHAS E VASCONCELLOS, Serugião dentista e galvanista, declara que Manoel Joaquim Carneiro Junior, não tem aprecisa habilitação para prestar serviços ao publico, pelos trabalhos declarados em seu annuncio em certo no jornal de sabbado passado. Esse homem apenas exersitou em companhia do annunciante a pratica desses trabalhos no expasso de um mes, tempo inteiramente pouco para aquerir conhecimentos d'arte. O publico pois não se illuda com o mesmo, pois que o seu fim é abusar de sua indulgencia. O annunciante fazendo esta declaração só tem por fim arredar de si qualquer responsabilidade moral, visto que dito Carneiro estando em sua companhia, e dirrepente metamorphosando-se em Serugião dentista, só com o fito de illudir ao publico, não devia o annunciante consentir em tal traficancia, com deshonra da sciencia, e excarnio do povo.

Imp. por Jesuino Briseno da Silva.